



IDENTIDADE DOCENTE: AS REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES EM CIAMPA E MARX

TEACHER IDENTITY: REPRESENTATION OF TEACHERS IN CIAMPA AND MARX

Maria Francisca Ribeiro Correa

Waldir Ferreira de Abreu

Damião Bezerra Oliveira

Universidade Federal do Pará - UFPA

Resumo

O presente artigo resulta de uma análise construída através de pesquisa bibliográfica e tem como objetivo analisar as concepções sobre as representações de professores construídas a partir do pensar de Ciampa (2001), cujos interesses e percepções aproximam as concepções e posições da Psicologia Social e do Materialismo Histórico Dialético no sentido de pensar as representações de professores, enquanto uma construção social, histórica, política e cultural que se dá a partir da efetividade da prática pedagógica. Além de corroborar para uma discussão que compreende a construção dessas representações a partir da posição social que o indivíduo ocupa num determinado contexto sociocultural, as trajetórias de vivências e experiências profissionais e pessoais que metamorfoseiam essas identidades, formando e transformando os sujeitos nos seus tempos/espacos/lugar.

Palavras-chaves: Identidade. Representação. Cultura.

Abstract

This paper is the result of an analysis achieved through a bibliographic research that aimed at analyzing how teachers are represented by Ciampa (2011), whose interests bring together notions and approaches from Social Psychology and Dialectical and Historical Materialism, to think representations of teachers as a social, historical, political and cultural construct that materializes through teaching practice. In addition, it corroborates with a discussion that encompasses the construction of such representations from the social stand one occupies in a given sociocultural context, the course of one's life, professional and personal experiences that metamorphose such identities, forming and transforming individuals concerning their particular period/space/place.

Keywords: Identity. Representation. Culture.



Para início de conversa

A historicidade das experiências humanas impõe à contemporaneidade rápidas e profundas mudanças em todos os aspectos que constituem a natureza da existência humana, acentuando-se a multiplicidade de sujeitos e de culturas, o que tem colocado em evidência a necessidade de se (re)pensar as concepções de identidade, cultura e representação, saindo de concepções reducionistas, passando para uma perspectiva em que tais postulados são concebidos a partir das relações que o sujeito estabelece em seu meio e a maneira como mulheres e homens produzem os seus modos de existir. Assim como pensar a identidade humana, terrena, em constantes processos de formação e transformação mediados pelas relações sociais nos mais diversos e plurais contextos culturais.

Nessa perspectiva, a sociedade brasileira se constituiu do (des)encontro da diversidade de culturas – primeiramente, durante o processo de colonização com os índios, brancos, negros, e, posteriormente, com a vinda de imigrantes, italianos, alemães, japoneses, entre outros, que aqui chegaram; alguns fugindo das guerras e dos regimes totalitários que se instauraram na Europa e na Ásia, mas também muitos atraídos pelo mercado de trabalho, sustentado pelo capitalismo agrícola, pelo latifúndio e pela indústria que, naquele momento, já estava em pleno desenvolvimento no Brasil. Em nome do “desenvolvimento”, diferentes culturas passaram a (sobre)viver no mesmo território. Diferentes modos de vida passaram a compartilhar suas vivências e experiências, interagindo entre “si” e com os “outros”.

Por isso, somos herdeiros de uma diversidade cultural da qual reconhecemos que os fatores constitutivos de nossas identidades sociais não possuem características estáveis, fixas e homogêneas, somos produzidos histórica e socialmente. Essas



mudanças vão se formando e transformando pela dialética do real. É no interior das relações sociais que vamos constituindo nosso “ser humano”, nossos modos de existir e de compreender a natureza humana, somos representados e nos autorepresentamos no interior dos processos históricos socialmente produzidos. A produção da existência humana se faz a partir do contexto sociocultural onde mulheres e homens estão mergulhados. É na trama social que vamos constituindo o sentido de nossa existência – enquanto movimento – e compreendendo a própria essência da natureza humana.

Desse modo, é importante pensar a resignificação de alguns conceitos e papéis assumidos “por dentro” da profissão docente e pelos seus sujeitos, o que até então tem sido feito mais pela tradição pedagógica do que pela tradução dos sentidos, desejos e saberes dos professores. Toma-se como ponto de partida as análises empreendidas por Antônio Ciampa (2001)¹, trazido pelas reflexões sobre o poema *A Estória do Severino e a História da Severina*, onde apresenta dois personagens, sendo um fictício – o Severino, saído do poema de João Cabral de Melo Neto – e a outra saída de um drama da vida real – a Severina, oriunda do sertão da Bahia, e discute a identidade não como algo estático, mas dinâmico, em constante movimento, mutação, em permanente metamorfose, demonstrando que esse movimento se dá no interior das relações sociais através do contexto cultural onde esses indivíduos produzem seus modos de existência.

Com base nisso, este texto tem como objetivo discutir as representações sociais de professores construídas a partir do pensar de Ciampa (2001), cujos interesses e percepções aproximam as concepções e posições da Psicologia Social e do Materialismo Histórico Dialético no sentido de pensar as representações de professores, enquanto uma construção social, histórica, política e cultural que se dá a partir da

¹ Formado em 1968 pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Antônio da Costa Ciampa é precursor dos estudos sobre identidade como categoria da Psicologia Social. Na mesma universidade, concluiu o Mestrado em 1977 e o Doutorado, também em Psicologia Social, em 1986 – quando iniciou sua carreira no magistério superior na mesma PUC, onde permanece até hoje como professor associado.



relação com os modos como a atividade docente se materializa nos mais diversos contextos socioculturais. Para isso, o texto está fundamentado, teoricamente, nas ideias de Ciampa (2001), que discute a categoria identidade enquanto metamorfose, já Marx (1998) nos auxilia quando trata o trabalho como atividade por onde homens e mulheres produzem seu cotidiano e ao mesmo tempo são produzidos pelas relações que estabelecem em seu meio e pelas condições sociais onde se materializa. Neste caso, a atividade docente, que se circunscreve num determinado contexto sociocultural, considerando Williams (2011) que considera a cultura como produção da existência material.

Identidade docente: uma construção social das representações de professores em Ciampa e Marx

As identidades culturais – que são aqueles aspectos que surgem do nosso pertencimento a cultura, a um lugar específico, a um grupo seja do ponto de vista da etnia, da religião, dos aspectos linguísticos – estão continuamente sendo deslocadas, sofrendo rupturas, passando permanentemente por processos de descontinuidades, de modificações e metamorfoses.

Ao trazer essa temática para o bojo de nossas análises, assumimos a posição de pensá-la na ótica do atravessamento de diferentes conceitos e concepções. Entendemos que a identidade começa a se definir a partir da posição social que os sujeitos ocupam nos diferentes grupos sociais, em diferentes contextos sócio históricos que (de)marcam suas trajetórias pessoais e profissionais, considerando ainda que a cultura narra e veicula a nossa identidade, e consequentemente, as maneiras como somos representados e ao mesmo tempo nos representamos diante do (s) outro(s).

Ao inter-relacionar um personagem da literatura brasileira, Severino (de *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto), e uma mulher do mundo real, Severina,



que migra da Bahia para São Paulo, Ciampa (2001), propõe a discussão sobre a construção das identidades do migrante, da mulher e do personagem literário na perspectiva da análise marxista. A obra trabalha a identidade como um processo contínuo de transformação, entendida e concebida como metamorfose – o que envolve os aspectos biológicos, psicológicos e sociais do ser humano. Para o autor, essas transformações dinâmicas se dão ao longo do tempo de vida e a partir das relações sociais que permitem a cada um observar e assumir papéis, com o respaldo da memória nos mais diferentes contextos socioculturais. Compreendida a partir desse olhar, a discussão da identidade, poderia contribuir para uma mudança emancipatória, individual ou coletiva, pois compreende o homem como um ser produzido historicamente, logo, é um ser essencialmente social, portanto, é produtor e produto das relações sociais, e, desse movimento, a identidade vai se formando e transformando num processo que o autor chama de metamorfose.

O autor ressalta que a identidade é formada e transformada no interior das relações sociais mediante o contexto e as circunstâncias históricas do momento.

[...] a identidade passa a ser também uma questão política, pois ela está imbricada tanto na atividade produtiva de cada indivíduo quanto nas condições sociais e institucionais onde esta atividade ocorre [...] (CIAMPA, 2001, p.10).

Sob essa perspectiva, pensar a identidade docente e as representações de professores significa compreendê-la como produção material, onde o trabalho, enquanto categoria e terreno da formação e transformação da identidade, precisa ser tomado como perspectiva de análise, uma vez que a atividade docente se materializa no cotidiano escolar sob adversas condições sociais, econômicas, culturais, políticas e institucionais. Assim, também, na análise marxista, é possível compreender que o trabalho é uma atividade de autocriação humana, na qual o homem se faz e refaz, modificando-se a si mesmo, seu modo de existir e de agir, criando, recriando e possibilitando novas



condições materiais e existências para o surgimento de novas identidades.

A identidade enquanto uma questão política é uma posição assumida por Ciampa (2001) no sentido de possibilitar a reflexão sobre os espaços e possibilidades que nós nos permitimos, tanto para nós quanto para os outros, de, sendo nós mesmos, nos transformarmos e nos (re)criarmos. Sua reflexão toma como pressuposto a análise da identidade enquanto um processo dialético, uma vez que ela se realiza na interação social, implicando necessariamente, uma concepção de identidade que migra no espaço/tempo históricos, nas relações de trabalho e nos meios de produção da profissão.

Nesse sentido, somos identificados pelo olhar “alheio”, o outro nos representa sempre em relação ao que não é, imprimindo em nós a sua marca, esse significado é produzido por meio de processos de diferenciação, tomando como suporte a relação entre aquilo que é, e aquilo que não é. Considerando ainda que essa concepção é movida pela operação de poder que está envolvida nessa definição nos posicionando de diferentes formas, em diferentes lugares, provocando diferentes efeitos nas sociedades ou grupos com os quais convivemos.

É interessante observar que em Ciampa (2001) verificamos que o movimento feito por seus personagens² vai circunscrevendo no imaginário de cada um as “geografias” do lugar, das paisagens, do contexto sociocultural, das vivências e experiências de cada indivíduo com os quais vão interagindo, assim como o “ser” Severino ou Severina, vai sendo narrado por outros sujeitos que atravessam o “eu” de cada um imprimindo neles as marcas do “outro”, mas a cada nova identidade outras mais vão sendo incorporadas possibilitando-nos compreender a dinâmica das diversas identidades que vão compondo na singularidade do ser uma pluralidade de identificações, de características que fazem

² Severino, lavrador, retirante nordestino, da serra magra e ossuda (Serra da Costela, na Paraíba) e Severina, baiana, bicho-do-mato, bicho-humano, vingadora-briguenta, escrava revoltada, filha de ninguém, louca, doente mental, escrava-encostada, inútil, inutilizada, mãe-de-visita, ex-esposa, ex-dona-de-casa, finalmente virou budista. (Ver em *A Estória do Severino e a História da Severina: um ensaio de psicologia social*, Brasiliense, 2001).



habitar no “eu” um nós, porque no caso de Severino³, que inicialmente tenta identificar-se a partir do nome, buscando diferenciar-se de tantos severinos segue tentando encontrar algo que represente sua verdadeira identidade. Nesse caminho, ao mesmo tempo vai se identificando/diferenciando dos “outros”, também recebe identidades atribuídas por esses “outros” que o veem como um não igual.

Além disso, observamos que o Severino e a Severina se representam e são representados a partir das relações de trabalho que estão socialmente estabelecidas em seu meio social, de modo que o trabalho constitui parte inerente ao processo de construção das identidades sociais.

Essas transformações – ou o *devir* da identidade vai se engendrando na e pela cotidianidade das relações sociais – são produtos do sistema de relações que atravessam o existir humano aqui tomado em todas as suas dimensões afetivas, emocionais, sociais, econômicas, políticas, religiosas e culturais como postulado nas análises de Ciampa (2001, p.34) ao dizer que “É o sentido da atividade social que metamorfoseia o real e cada uma das pessoas”. Então, o contexto de formação das identidades é sempre uma realidade concreta que se move no tempo/espço, é o resultado das relações socialmente estabelecidas entre os sujeitos.

Berger e Luckmann (2002, p.11) compreendem a realidade enquanto resultado de uma construção social, pois na perspectiva sociológica há uma compreensão de realidade como sendo “[...] uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa volição [...] como fenômenos que são reais e possuem características específicas [...]”. Nesse sentido, a realidade existe independente da vontade humana, e, tanto a realidade quanto o conhecimento, do ponto de vista sociológico, têm relação com o meio social no qual estão inseridos, são construções sociais, logo, são produzidos a partir das ações humanas.

³ Personagem fictício saído do poema de João Cabral de Melo Neto, *Morte e Vida Severina*.



O olhar sociológico do conhecimento parte da concepção de que a realidade existe para além da vontade humana, mas é construída socialmente, portanto, o conhecimento é fruto da experiência humana que se dá num determinado contexto sócio histórico e cultural. Desse modo, a realidade e o conhecimento são construções sociais onde não existe uma verdade, mas verdades, e suas validades estão relacionadas a cada contexto social específico onde são produzidas, dependendo ainda do lugar que cada sujeito ocupa na tessitura social, ou seja, do ponto exato de onde parte o enunciado.

Percebe-se em Berger e Luckmann (2002) uma perspectiva dialética na concepção de “conhecimento” e “realidade”, enquanto resultado de uma construção sócio histórica da qual todos os homens e mulheres participam indistintamente, entretanto de maneira diversa já que dependem do lugar que ocupam no contexto social e de suas próprias experiências, tal como a realidade apresentada por Severino e a Severina, em Ciampa (2001), que em suas trajetórias vão se constituindo enquanto “ser para si” e “para o outro”, considerando o contexto sócio cultural que marcaram suas vidas. A realidade de ambos é uma construção sócio histórica protagonizada por muitos severinos e severinas, que em suas severinidades, fizeram/fazem parte das experiências concretas, relatadas principalmente por Severina.

As identidades e suas representações em Ciampa (2001) também não são fixas nem estáticas, únicas. O sujeito vai, ao longo de sua trajetória, assumindo diversas e plurais identidades, mas ao assumir uma nova identidade, não perde totalmente as características anteriores, justamente porque a natureza humana é dotada de uma plasticidade do humano que permite o entrelaçar dessas várias identidades. Por se tratar de uma análise que toma como referência a posição do materialismo histórico e dialético, o autor considera que a vida, a liberdade e o trabalho não são dados naturalmente, eles resultam das forças imbuídas nos processos interativos que ocorrem através das relações sociais, daí seu pensar sobre a identidade é um esforço de



compreendê-la sempre como negação do que a nega.

Logo, as representações da identidade docente não podem ser pensadas como um dado adquirido, uma propriedade, um produto, mas como um processo, considerando que essa dinâmica é um lugar de lutas e conflitos, um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão assim como concebe Nóvoa (1992). A maneira como cada um se sente e se diz Professor, se apropria do sentido da sua história pessoal e profissional é um processo que se refaz continuamente nos espaços escolares e fora deles, produzindo uma identidade flexível e sensível às continuidades, descontinuidades, mudanças, inovações e rupturas.

A identidade docente vai se formando e transformando no fazer, nas vivências e nas experiências que a docência requer, e talvez o limite da identidade docente possa estar ancorado no espaço da escola, mais especificamente na sala de aula – parece que a matriz de referência da profissão é a sala de aula, espaço relacional de inúmeros conflitos, vivências e experiências, onde as identidades (tanto docente quanto discente) se interpelam.

Para Pimenta (2005, p.19), a identidade docente vai sendo formada, tomando como ponto de partida as significações sociais da profissão:

Constrói-se, também, pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor confere a atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, do sentido que tem em sua vida o ser professor [...].

Professores e alunos, ao se encontrarem no espaço de socialização de saberes, que é a sala de aula, estabelecem relações nos processos de ensinar e aprender e vice-versa que são mediadas pela cultura e suas identidades vão sendo formadas e transformadas continuamente, porque há nesse processo uma operação de poder que envolve o eu – o mesmo, e o outro – e a alteridade na qual se produzem processos de tradução e



negociação.

Ao narrar a relação entre os processos formativos e a construção da identidade docente, Nóvoa (1992, p.25) ressalta que o formar-se “[...] implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional”. Isso quer dizer que colocar-se em formação significa: primeiro, envolver-se num movimento contínuo; segundo, compreender que esse processo é parte constituinte de nossa identidade pessoal/coletiva e profissional. O autor enfatiza ainda a necessidade de pensarmos o currículo e os processos de formação de professores, considerando que esses sujeitos, enquanto profissionais, são pessoas e como pessoas são profissionais, essas “identidades” se interpelam num movimento dinâmico e complexo.

A profissão docente também é “[...] um lugar de reflexão sobre as práticas, o que permite vislumbrar uma perspectiva dos professores como profissionais produtores de saber e de saber-fazer” (NÓVOA, 1992, p.16). É no decorrer do processo de formação de professores que se produz a profissão docente. É um lugar para além da aquisição de técnicas e conhecimento, é um momento de socialização e de configuração da profissão docente. A abordagem aponta três dimensões essenciais para a formação do professor: a preparação acadêmica, a preparação profissional e a prática profissional, devendo haver um equilíbrio entre essas dimensões.

Em Freire (1996), as representações de professores aparecem sempre na relação com a identidade dos educandos, sendo que professores e alunos vão se constituindo e completando no “Ser” através das interações estabelecidas no processo de ensinar/aprender e aprender/ensinar. Considera que a dimensão individual e de classe tanto dos educandos quanto dos educadores é parte constitutiva da identidade cultural, haja visto que “Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos



com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se” (FREIRE, 1996, p.41).

É no movimento de assumir-se enquanto “Ser” Professor e “Ser” Educando que se formam e transformam no interior das relações sociais engendradas no movimento do processo ensino aprendizagem. É através das vivências e experiências pessoais e coletivas que suas identidades se encontram e se modificam mutuamente. Aqui falamos de identidades compartilhadas, mas que assim como expressada por Ciampa (2001), mantêm oculta sua individualidade, singularidade e características pessoais.

A atividade docente: espelho da representação de professor

Anunciar-se e assumir-se como Professor, hoje, costuma demandar uma série de justificativas adicionais. A atividade docente é tão pouco prestigiada, que o profissional é considerado “louco” ou “herói”. Esses dois personagens – louco e herói – guardam consigo a ideia de estar à margem, lutando contra a realidade, fazendo alguma oposição. Simples jogo de palavras?

O Professor realmente vive e trabalha em condições adversas – jornada sobrecarregada, grande número de alunos por sala de aula, exigências burocráticas, perda de autonomia, etc. – e enfrenta a complexidade da relação pedagógica com os alunos. Essa complexidade nas relações com os alunos representa mais uma evidência de que o papel do Professor, do conhecimento e da instituição escolar foi sendo progressivamente banalizadas em nome de uma sociedade que valoriza o consumo, o descarte, a aparência, o individualismo e o prazer fugaz.

Por isso a identidade docente perpassa pelo assumir-se enquanto ser social e historicamente produzido, um ser que pensa, comunica, transforma, cria, realiza sonhos, dotado de sentimentos, de desejos, que ao assumir-se enquanto tal não exclui o outro, mas afirma a “outredade” que é sempre um não eu. É um outro indivíduo que partilha



consigo as experiências e vivências cotidianas, e assim ambos (re)constituem suas identidades.

A identidade docente se faz e refaz no contexto da materialidade da atividade docente. O “Ser” Professor constitui-se tanto pelo que lhe é peculiar – o exercício da profissão –, quanto pelo que lhe é específico, singular. A atividade docente concebida como trabalho na perspectiva marxista, enquanto categoria, é a forma pela qual o homem se apropria da natureza afim de satisfazer suas necessidades e garantir a sobrevivência. Contudo, a posição marxista faz uma ressalva, afirmando que, “Essa determinação de trabalho produtivo, tal como resulta do ponto de vista do processo simples do trabalho, não basta de modo algum, para o processo de produção capitalista” (MARX, 1985a, p.151). Aqui, Marx contrapõe o trabalho do ponto de vista do processo simples ao modo como deve ser apreciado do ponto de vista específico da produção capitalista, ou seja, de um ponto de vista historicamente construído e determinado.

O trabalho docente enquanto atividade é socialmente produzido, é no cotidiano da profissão que a representação da identidade docente se forma e transforma. Uma identidade resulta de um processo de medida, onde dois sujeitos são posicionados, um em relação ao outro, onde um deles é considerado como padrão para identificar, no caso o modelo de homem/mulher da cultura dominante e o indivíduo real que na concretude de sua vivência vai sendo representado a partir da perspectiva do outro.

Em Marx (1998, p.19), o ato de representar deve considerar os homens e mulheres no contexto de sua atividade real, porque “[...] é a partir de seu processo de vida real que representamos também o desenvolvimento dos reflexos e das repercussões ideológicas desse processo vital [...]. Ao considerar a história como movimento consequente das próprias ações humanas, a concepção marxista compreende que são os próprios homens que produzem suas representações, suas ideias, porém condicionados por determinações sociais que estão envolvidas no desenvolvimento das forças



produtivas e das próprias relações que delas correspondem. Já em Ciampa (2001), a identidade é vista tanto como uma representação que é dada, atribuída – por isso ela é produto – mas também é concebida enquanto produção. É através do trabalho docente que a identidade vai sendo representada e autorrepresentada.

O ato de representar implica compreender o sujeito a partir de elementos biológicos, psicológicos, sociais, culturais e tantos outros que o caracterizam, mas conjugado com a representação desse indivíduo tanto no contexto das relações sociais quanto o contexto familiar. Nesse sentido, um exemplo mencionado por Ciampa (2001, p.161) ilustra muito bem esse processo:

Antes de nascer, o nascituro já é representado como filho de alguém e essa representação prévia o constitui efetivamente, objetivamente, como *filho*, membro de uma determinada família, personagem (preparada para um ator esperado) que entra na história familiar às vezes até mesmo antes da concepção do ator. Posteriormente, essa representação é interiorizada pelo indivíduo, de tal forma que seu processo interno de representação é incorporado na sua objetividade social, como *filho* daquela família.

Porém, não basta apenas uma representação prévia da identidade, essa confirmação se concretizará na medida em que as relações em que esse filho estiver envolvido confirmem essa representação, ou seja, é no cotidiano das relações sociais estabelecidas no seio familiar que o “Ser” filho se constitui, sendo que a representação dessa identidade, de um lado, é consequência, e de outro, é condição dessas relações.

Assim, a representação da identidade docente se faz tanto pelas características inerentes à profissão quanto pelo cotidiano das práticas educativas constituídas pelo contexto sociocultural da escola – o contexto da materialidade do trabalho docente. Quando pensamos a identidade docente de imediato nos remetemos ao espaço em que a profissão docente se materializa, aos instrumentos específicos do trabalho docente, ao papel que o “Ser” docente assume, as posturas, as atitudes, enfim, já existem em nossas memórias uma representação formada sobre a figura do professor. Mas, ressaltamos que



há uma trajetória, portanto, uma historicidade que deve ser considerada no processo de construção da identidade docente, ela não é dada e acabada. A identidade docente se representa e é representada continuamente, pois tanto enquanto ser humano que é, como profissional, o Professor, inevitavelmente se transforma, ele é marcado pelas marcas de seu tempo, pela simbologia cultural, pelo lugar onde vive e trabalha, por suas histórias, desejos e sentimentos, por tudo que atravessa o seu “Ser” pessoal/coletivo e profissional.

Através do trabalho docente são viabilizados a produção dos meios que permitem satisfazer as necessidades profissionais e pessoais do/a Professor, uma vez que é através do fazer docente que os indivíduos produzem seus meios de existência e conseqüentemente a própria vida material. Desse modo, a maneira como cada um produz e manifesta sua vida reflete muito o que esses indivíduos são. Assim, o que eles são coincide tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem. Isso significa que o que somos – a representação de nossa identidade – depende, portanto, das condições materiais de sua produção.

Para Marx (1998, p.82), o trabalho também é uma forma de “manifestação de si”, ele narra a identidade humana pelas suas características e pelas condições nas quais se realiza, enquanto laço que une as forças produtivas e a própria existência humana:

[...] hoje, manifestação de si e produção da vida material são de tal modo separadas que a vida material aparece como a finalidade, e a produção da vida material, isto é, o trabalho, como sendo o meio (sendo agora esse trabalho a única forma possível, mas, como vemos, negativa, da manifestação de si).

Para entendemos a identidade é preciso compreender seu processo de produção e representação. É imprescindível pensar a identidade considerando as especificidades do trabalho docente, que se constitui também como “manifestação de si”. De acordo com Ciampa (2001, p.164), “[...] se sou professor, é porque me tornei professor; daí



dizemos: *como sou professor*, então dou aulas, embora o correto deva ser: *como dou aulas*, então continuo professor [...]”. A identidade docente é dada colocando o “Ser” numa posição, a de Professor, e é justificada pelo desempenho do exercício docente, o de “dar aulas”.

Nessa perspectiva parece que não basta falar de identidade, mas sim de identidades de Professores/as, posto que a construção dessas identidades está ligada ao fazer da prática docente e talvez seu limite esteja ancorado no espaço escolar, mais especificamente na sala de aula – espaço privilegiado que é referência da profissão docente, onde se inscrevem e se manifestam as identidades tanto do professor quanto do aluno.

A representação da identidade docente nos impõe o desafio de considerar que a cultura deve ser pensada por dentro de contextos históricos considerando as relações sociais neles inscritas, a maneira como homens e mulheres organizam seus modos de viver, de produzir e conseqüentemente a produção de sua própria existência. Partindo desses pressupostos, o conceito universalista e estruturalista de cultura passa a ser desconstruído e emerge um conceito mais plural e político, ou seja, temos uma multiplicidade de “culturas” que se inter-relacionam.

Partindo dessa posição, Raymond Williams (2011) rompe com o conceito universalista e estruturalista de cultura considerando a perspectiva de que existem culturas diversificadas, pois é pela cultura que os indivíduos se identificam, ela carrega valores e se constitui enquanto instrumento de dominação, por isso ela também é um espaço de poder.

A experiência de vida de Williams⁴ (2011) ao lado do pai no sindicato, como pesquisador e pela análise que ele fez entre o espaço urbano e rural na sociedade inglesa

⁴Neto de agricultores, filho de trabalhador ferroviário, nasceu em uma comunidade rural na fronteira entre o País de Gales e a Inglaterra. Através de um programa de bolsas de estudos, tornou-se aluno, e mais tarde professor em Cambridge, tornando-se um acadêmico, crítico e novelista galês. Escrevendo



possibilitou-lhe buscar outras leituras por dentro do marxismo, fazendo surgir um novo conceito de cultura enquanto materialismo, no qual a cultura seria resultante de um processo historicamente construído.

Em Thompson (1998, p.17), “[...] uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole: é uma arena de elementos conflitivos [...]”. A cultura onde nascemos constitui-se em uma das principais fontes de construção da identidade. Essa constituição/construção é formada e transformada no interior da representação, nessa arena negociada construída e reconstruída cotidianamente.

A cultura é viva, é dinâmica e constitui parte da vivência e da experiência humana, e como mulheres e homens somos incompletos e inacabados, é através do meio cultural com o qual estabelecemos uma relação de pertencimento que vamos, permanentemente, construindo e (re) construindo nossa identidade através de processos de negociação.

Numa perspectiva histórica, Williams (2011) faz um desvelamento do desenvolvimento e/ou evolução do conceito de cultura e, assim, estuda este conceito relacionando-o às transformações históricas ocorridas na sociedade⁵ proporcionadas pelas mudanças na indústria, na democracia, nas classes sociais e consequentemente nas produções culturais, como a arte, a literatura, a chamada “cultura de massa” e a “cultura popular”. Para o autor, essas modificações históricas e sociais, ocorridas num período marcado por profundas transformações na sociedade – a Revolução Industrial –, relacionam-se as mudanças mais significativas nos modos de produzir e pensar a vida.

sobre política, literatura e cultura de massas, utilizando o pensamento marxista para suas análises. Militante engajado do movimento intelectual britânico denominado *New Left*, o qual ajudou a fundar e Membro do Partido Comunista foi uma figura influente dentro da nova esquerda britânica e na teoria cultural em geral.

⁵ Para Williams (2007, p.379), “[...] a palavra sociedade é clara em dois sentidos principais: como termo mais geral para o corpo de instituições e relações no qual vive um grupo relativamente grande de pessoas; e como o termo mais abstrato para a condição na qual se formam essas instituições e relações”.



Rompendo com velhas posições que pensavam a cultura apenas sob a ótica da reprodução, Williams (2011) conseguiu formular uma outra interpretação de cultura como processo de produção material e social, sendo a linguagem um dos meios sociais de sua produção, tornando-se assim uma prática consciente.

Considerações finais

As concepções e posições aqui desenvolvidas apontam para uma nova perspectiva de pensar a sociedade e a relação entre representação, identidade e cultura, concebendo-as numa íntima relação, como todo um modo de vida, que é produzido socialmente por meio das relações sociais, que se materializam, nos mais diversos contextos socioculturais, isto é, como coisas que se distinguem apenas por suas diferentes formas de se materializar. É pelo viés da cultura que o existir humano se concretiza. O contexto cultural narra o território das identidades.

Assim as aproximações do pensar as representações de professores a partir da perspectiva de Ciampa e Marx nos ajudam a pensar que o exercício da atividade docente está efetivamente ligado as especificidades de cada contexto sociocultural nos quais os sujeitos circunscrevem suas histórias, experiências e trajetórias.

Em Ciampa (2001), as representações de professores estão ligadas a concepção de atividade docente como um processo contínuo no qual os sujeitos se constituem na relação com a materialidade da prática pedagógica, adquirindo conhecimentos, concepções de sociedade e de mundo a partir da relação que estabelecem com os outros.

As representações da identidade docente resultam de uma construção coletiva, por isso não é estática, ela existe sempre na relação com o outro, consequentemente, o que significa ser igual e diferente a esse outro. A identidade docente emerge das relações sociais entre professor-aluno-comunidade. É a partir dessas relações que o indivíduo produz e é produzido enquanto ser sócio histórico.



Para Ciampa (2001), a identidade é movimento, é processo, é metamorfose⁶, por isso mesmo, vai se transformando no interior das relações sociais em que o sujeito está envolto. Desse modo, a identidade profissional se constitui, também, na relação com a matéria com a qual o professor lida em seu cotidiano, e pelos sujeitos que atravessam sua trajetória pessoal e profissional. O professor participa de um grupo social, ele compartilha com seus pares inúmeras experiências, que ao mesmo tempo, são iguais e diferentes.

Nesse sentido, aproximam-se as posições da Psicologia Social de Ciampa e o pensamento de Marx, quando em ambos, podemos pensar a cultura como uma teia de relações que permeia o cotidiano dos sujeitos e a produção dos modos de sua existência, atribuindo significados que são impregnados de valores, atitudes, hábitos e costumes num determinado grupo social, onde também estão presentes contradições sociais e culturais engendradas no contexto das relações sociais e de trabalho, caracterizando-o num espaço de negociação, de remendos, de retalhos, que por sua pluralidade reúne elementos e práticas distintas.

Diante dessas premissas, é possível dizer que as representações de professores perpassam pelas condições em que efetivamente a atividade docente se materializa e repercute no seio da comunidade escolar. A docência é uma atividade complexa, por isso é preciso compreender como os professores atuam em diferentes contextos, fazendo uma reflexão sobre a relação entre ensino e mundo do trabalho, sobre os processos de formação docente, sobre os sentidos e significados da profissão e os modos como esse profissional se relaciona socialmente e se constitui como sujeito atuante no espaço onde materializa sua ação pedagógica.

⁶ Concepção que revela a relação do sujeito com sua própria história de vida, suas experiências que perpassam por um processo contínuo de formação e transformação.



Professores, alunos, pais e comunidade em geral vão recriando seus espaços e seus sentidos de pertença, reconstruindo suas identidades, marcando e demarcando suas trajetórias e experiências nos contextos culturais dos quais participam. E, desse modo, se representam e são representados a partir das relações sociais e na interação com os outros e com o contexto sociocultural.

Cotidianamente, a atividade docente é perpassada por inúmeras situações que vão desde as exigências impostas pelas políticas de formação profissional, passando pelos problemas peculiares à materialidade da docência, como péssimas condições de trabalho, baixos salários, desvalorização profissional, precariedade na infraestrutura das escolas, sobrecarga da jornada de trabalho, além da frágil relação escola-família.

Portanto, considera-se também que o trabalho é reflexo da vida pessoal e profissional dos sujeitos nos mais diversos contextos e experiências dos quais participam, é o reflexo da história que eles próprios constroem, partilham, se apropriam e refazem. Logo, evidenciamos que as representações de professores são construídas na relação com a materialidade da atividade docente, além de considerarmos ainda os aspectos subjetivos que envolvem elementos da dimensão pessoal e profissional. As representações de professores são construídas sempre na relação com o contexto sociocultural onde esses sujeitos produzem a sua existência.

Referências

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de Sociologia do Conhecimento**. 21.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 11.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CIAMPA, Antônio da Costa. **A estória do Severino e a História da Severina**. São

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Paulo: Brasiliense, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: Abril Cultural, 1985a. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas)

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Tradução: Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NÓVOA, Antônio. (Coord.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividade docente** (Org.) – 4. ed. – São Paulo: Cortez, 2005

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

_____. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Bontempo, 2007.

_____. **Cultura e materialismo**. Tradução de André Glaser. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

Sobre os Autores

Maria Francisca Ribeiro Correa

Mestre em Educação e Cultura pelo Programa de Pós Graduação em Educação e Cultura– *Campus* de Cametá/UFPA. Membro do Grupo de Pesquisa em Educação, Infância e Filosofia – GEPEIF/UFPA. Bolsista da FAPESPA. Especialista em Educação. Pedagoga. Técnica em Educação – SEDUC/PA. E-mail: mariafrcorrea@yahoo.com.br

Revista Cocar

Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade do Estado do Pará



Waldir Ferreira de Abreu

Pós-doutor em Ciências da Educação. Doutor em Ciências Humanas e Educação pela PUC-Rio. Professor Adjunto III da Universidade Federal do Pará. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância e Filosofia – GEPEIF/UFPA/CNPQ. *E-mail:* awaldir@ufpa.br. Faz parte do Corpo Docente do Mestrado em Educação e Cultura- PPEGEDUC/Campus de Cametá/UFPA e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) /ICED-UFPA.

Damião Bezerra de Oliveira

Doutor em Educação pela PUC-Rio. Professor Adjunto de Filosofia da Educação na Universidade Federal do Pará. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância e Filosofia – GEPEIF/UFPA/CNPQ. Líder do Grupo de Pesquisa em Filosofia, Ética e Educação (GEPEFEE/UFPA) - Faz parte do Corpo Docente do Mestrado em Educação e Cultura- PPEGEDUC/Campus de Cametá/UFPA e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) /ICED-UFPA. *E-mail:* damiao.bezerra@ufpa.br

Recebido em: 02/05/2017

Aceito para publicação: 25/05/2017